

## **Luta e resistência dos Avá-Guarani no Oeste do Paraná.<sup>1</sup>**

*War and Resistance of the Ava-Guarani in the West of Paraná - Brazil*

*Lucha y resistencia de los Avá- Guaraní en la Región Oeste de Paraná*

*- (Brasil)*

**Rosângela Daiana dos Santos<sup>2</sup>**

**Marcos Rodrigues Barreto<sup>3</sup>**

**Rafael Fonseca Gomes Dantas de Melo<sup>4</sup>**

### **Resumo**

Este artigo tem como proposta a análise dos processos históricos que resultaram na espoliação dos povos indígenas na Região Oeste do Paraná. Neste trabalho serão apresentadas as motivações do deslocamento dos indígenas para o Paraguai e outros dilemas que vêm sendo enfrentado com o regresso ao território tradicional no Oeste Paranaense. Centraremos-nos na organização indígena, luta e resistência dos Avá-Guarani, que diariamente encaram problemas com a ausência de terras, preconceitos junto à população não indígena e conflitos com ruralistas da região. A espoliação do território indígena é o eixo central desta análise, buscando examinar o percurso histórico das relações de conflito na região, o contexto político, os agentes envolvidos, como a remoção ocorreu e, fundamentalmente, como foi abordada pelos meios de comunicação. Além disso, apresentaremos neste trabalho como os acontecimentos influenciam nos dias atuais.

**Palavras-Chave:** Resistência; Memória; Avá-Guarani.

### **Abstract**

This article proposes the analysis of historical processes that resulted in the plundering of indigenous peoples in the Western Region of Paraná. In this paper the motivations of the displacement of the Indians to Paraguay and other dilemmas they face in returning to the traditional territory in the West. We will focus on the indigenous organization, struggle and resistance of the Avá-Guarani, who daily face problems with the absence of lands, prejudices against the non-indigenous population and conflicts with ruralists in the region. of this analysis, seeking to examine the historical course of conflict relations in the region, the political context, the agents

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

<sup>2</sup> Bacharel em História – América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino Americana - 2016, graduanda em História Licenciatura na Unila. E-mail: rossantos104@gmail.com

<sup>3</sup> Pedagogo (UERJ), Mestre em Memória Social (UNIRIO) e professor da rede municipal de Japeri-RJ. E-mail: marcosriodejaneiro@gmail.com

<sup>4</sup> Graduando de História – América Latina (UNILA), bolsista de Iniciação Científica no projeto: Memória em movimento: saberes e práticas Guarani na reconfiguração territorial (2018). E-mail: rfgddemelo@gmail.com

involved, how the removal took place and, fundamentally, how it was approached by the mass media. current days.

**Keywords:** Opposition; Memory; Avá-Guarani

### Resumen

En esta pesquisa buscamos analizar los procesos históricos que resulta en la expulsión de los pueblos indígenas en la Región Oeste del Paraná. En este trabajo relatamos el deslizamiento de los indígenas para el Paraguay y otros problemas que vienen enfrentando en el regreso al territorio tradicional en el Oeste paranaense. Nos centraremos en la organización indígena, lucha y resistencia de los Avá- Guaraní, que diariamente enfrentan problemas con la ausencia de tierras, prejuicios sobre la población no indígena y conflictos con las personas de la región rural. La expulsión del territorio indígena es el punto central de este análisis, buscando examinar el proceso histórico de las regiones de conflicto en la región, el contexto político, los agentes involucrados, como la expulsión que ocurrió y, fundamentalmente, como fue abordada por los medios de comunicación. Además de eso, presentaremos en este trabajo como los acontecimientos que influyen en los días actuales.

**Palabras-claves:** Resistencia ; Memoria; Avá- Guaraní.

### 1.Introdução

Os primeiros passos desta pesquisa tiveram início em 2016, pois neste período ingressei na pesquisa de extensão acadêmica através do curso de História da América Latina na Unila<sup>5</sup> - na qualidade bolsista do projeto de extensão: Memória Indígena e reparação pedagógica na Região de Fronteira. Concomitante as ações dos projetos, trabalhávamos também com documentos que comprovavam as violações de direitos contra os povos indígenas da etnia Avá-Guarani – Brasil e Avaparanaenses – Paraguai, além das atividades que eram desenvolvidas nas aldeias, juntamente com os indígenas.

Destacamos dessa forma, a importância da aproximação dos pesquisadores da Unila às aldeias Guaraní da região, visto que tais atividades resgatam as narrativas dos povos indígenas, registrando e compreendendo a memória coletiva do grupo. Projeto como estes são essenciais para a reconstituição da história, percorrendo os passos da resistência destes povos nas regiões em que se encontram. Este trabalho é parte disso.

Durante o século XX, com o avanço das fronteiras agrícolas e a política indigenista promovida pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na Região Oeste do Paraná – eixo da extração de Erva Mate – promoveu a implantação de empresas colonizadoras através do programa “Marcha para o Oeste”<sup>6</sup>, criação do Parque Nacional do Iguaçu (1939) e

---

<sup>5</sup> Universidade Federal da Integração Latino Americana.

<sup>6</sup> Programa elaborado por Getúlio Vargas em 1938, que promovia o incentivo ao progresso e a ocupação da região Centro-Oeste do País.

posteriormente com a implantação da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional (1973-1982), foram episódios cruciais para a expulsão dos indígenas Avá-Guarani desde território (BRAND, 2005)<sup>7</sup>.

Durante esses processos de remoção (controlada pelos postos de atração do SPI que buscavam “sedentarizar” os indígenas) e a expulsão praticada por fazendeiros das fronteiras agrícolas, os indígenas foram impelidos à buscarem alternativas para resistirem. Desta forma, a pratica comum estava em procurar outro local para morar ou por conta própria foram para aldeias de “parentes” – forma de tratamento dado entre os indígenas de diferentes etnias – no Paraguai, outros foram encaminhados através da desocupação feita pela Itaipu<sup>8</sup> que justificavam que os índios não eram legítimos, os consideravam paraguaios.

Segundo os dados da Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Instituto Socioambiental (ISA)<sup>9</sup>, os Guaranis habitam em diferentes estados brasileiros, nas regiões de fronteira, no Paraguai, Argentina e Bolívia e seguem seus costumes tradicionais nos diferentes Estados Nacionais que habitam. Segundo o debate realizado na Reunião Brasileira de Antropologia em 2018<sup>10</sup>, é normal a mobilidade de famílias entre aldeias pertencentes ao mesmo grupo, dessa forma os indígenas estão em constante movimento e não consideram as fronteiras dos Estados Nacionais como território e sim apenas o espaçamento do território Guarani.

Baseados pelos momentos históricos que afastaram os Avá-Guarani de seu território de origem<sup>11</sup>, a organização e retorno das famílias nas ultimas décadas tem causado enormes conflitos em relação ao espaço e cresce também os casos de preconceitos contra esses grupos de indígenas<sup>12</sup>. Como vem acontecendo constantemente em Guaira e Terra Roxa - PR, onde os indígenas são alvos de preconceito e tentativas de homicídio diariamente<sup>13</sup>.

---

<sup>7</sup> BRAND, Antonio. Os Kaiowá e Guarani em tempos da Cia Matte Larangeira: negociações e conflitos. XIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, Londrina, 2005.

<sup>8</sup> Construção de Itaipu se deu entre os anos de 1973 a 1982, para a elaboração de sua barragem foram desocupadas diversas áreas e entre elas onde habitavam os indígenas.

<sup>9</sup> O Instituto Socioambiental apresenta um dossiê da ocupação das terras Indígenas no Brasil. Disponível em <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/pesquisa/povo/76>>. Acesso em 29 dez. 2018.

<sup>10</sup> O Grupo de Trabalho 44 promoveu o debate sobre a mobilidade dos povos indígenas, apresentando perspectivas distintas sobre as fronteiras, conflitos e os desafios enfrentados pelos Direitos Humanos. Disponível em <[https://www.31rba.abant.org.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=67](https://www.31rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=67)> acesso em 28 dez. 2018.

<sup>11</sup> CACERES, O. Os impactos causados pela construção de itaipu na saude da comunidade avá guarani de oco'y. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFPR, 2017.

<sup>12</sup> Em 2016, fazendeiros expulsam Avá Guarani de terra reivindicada como indígena no Paraná. Disponível em <<https://cimi.org.br/2016/06/38536/>> acesso em 27 dez. 2018.

<sup>13</sup> Conselho Indigenista Missionário. Indígena Ava-Guarani Donecildo Agueiro sofre atentado à tidos em Guaíra no Paraná. Disponível em <<https://cimi.org.br/2018/11/indigena-ava-guarani-donecildo-agueiro-sofre-atentado-a-tiros-em-guaira-pr>> Acesso em 28 dez. 2018.

Mas queremos aqui analisar a resistência indígena, formas de organização e a luta atual, que a cada dia se torna mais efetiva e se fortalece cada vez mais. Principalmente nos momentos de luta por reivindicações de seus direitos. Falaremos de Tekohas (local do modo de ser Guarani) que estão em diferentes municípios da região Oeste do Paraná, entre eles está Guaira, Terra Roxa, Santa Helena, Itaipulândia e São Miguel do Iguçu.

Destacamos a importância da criação da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) em 2006, órgão fundamental para que houvesse organização do povo Guarani para representar a luta das lideranças nas diversas regiões onde habitam os Guaranis. Inclusive com a elaboração do "Relatório sobre violações de direitos humanos contra os Avá-Guarani do Oeste do Paraná". Os Guarani tem a expectativa de que haja um avanço nas questões da demarcação de terras e do reconhecimento dos direitos no território tradicional. E que nos apresentam:

Os sucessivos episódios da violência cometida contra as populações indígenas estabelecidas às margens do Rio Paraná e seus afluentes regionais está na origem da situação extremamente precária em que se encontram hoje, sofrendo pressões da sociedade envolvente para se retirarem seus últimos locais de ocupação. (Relatório CGY, 2017, p.19-20).

Apresentaremos imagens/fotografias de momentos de manifestações em Guairá em 2017, onde os indígenas se organizaram e realizaram uma passeata, buscando a reparação dos direitos humanos que foram violados durante a Ditadura Civil-Militar, delineado os caminhos para reparação após as práticas de tortura nos postos indígenas e as possibilidades da Recuperação da Memória Histórica. Dentre os casos de violação de direitos foram denunciados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), e no caso dos Avá-Guarani pela Comissão Estadual da Verdade – Paraná (CEV-PR).

Objetivo dessa pesquisa é demonstrar os problemas que os indígenas enfrentam no cotidiano, onde passaram a serem considerados “paraguaios invasores”, e lutam contra qualquer tipo de repressão e preconceito, em busca de uma terra demarcada onde possam dar seguimento a suas vidas tradicionais em comunidade com tranquilidade.

## **2.Organização e retorno dos Indígenas**

Nesta pesquisa encontra-se em andamento e busca retratar a trajetória que os indígenas que fugiram para o Paraguai no século passado devido a todo processo histórico que foram envolvidos, agora nas ultimas década retornam para os locais onde habitavam, são diversos

os problemas que encontram, tanto com a falta de terra quanto com o preconceito gerado pela população não indígena desses municípios. Nossa pesquisa está baseada na organização indígena e os problemas atuais que os indígenas encontram.

A Resistência dos Avá-Guarani está centrada através da memória coletiva entre a população em relação ao processo colonizador e a todos os outros momentos que os povos indígenas originários foram prejudicados. Hoje em dia a falta de espaço e de reconhecimento dos indígenas se deve a intensificação do agronegócio, deslegitimando as terras que estão ocupadas pelo guarani.

Mas a questão territorial não é o único problema que o Guarani enfrenta, também estão à questão de preconceitos junto à população, as campanhas anti-indígenas que foram promovidas por partidos políticos e, além disso, muitos confrontos com ruralistas e fazendeiros onde os povos guarani estão sofrendo com inúmeros assassinatos nesta região, pois são considerados inimigos da prosperidade e o progresso do estado nação.

Em relação a isso o Artigo: *Racismo e preconceito contra os Avá-Guarani em Guaíra e Terra Roxa no Paraná*<sup>14</sup>, retrata exatamente esses episódios de preconceitos e racismo que os indígenas sofrem diariamente, contextualizando a participação histórica dos grupos indígenas da Região Oeste do Paraná para compreender todos os conflitos que geraram os intensos casos de preconceito e racismo presentes na atualidade.

Dessa forma evidencia-se como ocorreram os conflitos e como os indígenas ficaram ameaçados com todo esse processo, assim:

[...] os conflitos gerados entre a população dos municípios e os indígenas iniciaram durante o processo de colonização do território oeste do Paraná, que comprometeu praticamente todo o território Guarani. E este conflito permanece até hoje em Guaíra, onde a cidade cresceu em torno de comunidades indígenas, e onde há reivindicações constantes de terras por parte dos indígenas, deixando os agricultores e grandes proprietários de certa forma ameaçados.

Com o processo de colonização que ocasionou na expulsão de um grande número de indígenas, roubo de terras e os indígenas foram feitos de escravos, o que acabou colocando grande parte da população indígena da região em fuga e buscando refúgio nos países vizinhos. (SANTOS, 2017, p.12-13).

---

<sup>14</sup> SANTOS, R.D. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. Culture and Society V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 58.

Falamos dessa forma de diferentes tipos de violações contra os direitos dos indígenas, o roubo de suas terras, expulsão do território, a obrigação do trabalho indígena, tudo que contribuiu para que eles se retirassem desse espaço territorial. E hoje em dia o problema que enfrentam é pelo espaço de terra para que possam morar e cultivar seus alimentos.

Através de relatos feitos pelos próprios guaranis, onde demonstram as atuais disputas de território com os fazendeiros das regiões tanto de Guairá e de Terra Roxa, onde os povos originários sofrem muito pela violação dos seus direitos humanos, assim:

O mais grave conflito ocorrido entre os Avá Guarani e os proprietários vizinhos às aldeias localizadas em Guaíra e Terra Roxa envolveu os moradores do Tekoha Y'Hovy que, em 4 de novembro de 2014, tentavam impedir o desmatamento de uma área próxima à aldeia. Na ocasião, dois indígenas — um homem e uma adolescente — ficaram em poder de agricultores por cerca de quinze minutos. Durante esse tempo, relatam haver sofrido ameaças e agressões. (Relatório CGY, 2017, P.108).

Ainda nos dias atuais, existe uma contenda centrada entre o retorno das famílias de indígenas e os agricultores da região que se sentem ameaçados, com medo de perderem seus espaços, montam dessa forma uma cena de conflito que a cada pouco tempo vemos acontecer combates agressivos.

Quando falamos em impedir o desmatamento do local perto das aldeias indígenas estamos falando em retirar o conhecimento das matas para os Guarani, e seu territorialismo envolto, além de suas práticas de lidar com meio ambiente em questão, é primordial proteger o local de onde se vive. Frente ao agronegócio e a disputa pela terra está o sofrimento dos Guarani atualmente.

Desde o processo de colonização que houve grande parte do território desmatado para dar espaço as roças e plantações, acabou por degradar grande parte da vegetação nativa que essa região era composta. Dessa forma, os indígenas possuem uma enorme dificuldade em encontrar meios de sobrevivência neste espaço. Então a resistência de permanecer se torna ainda mais significativa, porque agora os indígenas necessitam se adaptarem a um ambiente completamente diferente do qual eles se baseavam.

De certa forma, neste retorno dos povos Guarani ao seu território de origem, os agricultores possuem um imaginário destas populações, afirmando que as mesmas são populações invasoras, relacionam a língua Guarani ao Paraguai, e assim passam a considera-

los Paraguaiois. Causando muitos estereótipos que se multiplicam com as populações destas cidades.

Através de um encontro organizando em Guaira, onde reuniu todas as aldeias em Agosto de 2017, para o lançamento do Relatório que trata das denúncias das violações dos Direitos humanos contra os Avá-Guarani do Oeste do Paraná, produzido pela Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) como resultado de uma pesquisa continuada sobre as graves violações de Direitos humanos cometidas contra esta etnia, que reivindicam a demarcação da terra e princípios básicos da condição humana.

Após o lançamento dos resultados obtidos no relatório, os indígenas se organizaram para uma manifestação pacífica no centro do município de Guaira – PR, neste momento toda a população indígena que estava presente se organizaram e se dirigiram para o local indicado, dos mais novos para os mais velhos, todos participaram. Como podemos notar nas fotografias a seguir.

Fotografia 1- Organização indígena em Guaira – PR.



Fonte: Autor, Agosto de 2017.

Fotografia 2 – Passeada com manifestações culturais.



Fonte: Autor, Agosto de 2017.

Fotografia 3 – Manifestação cultural indígena.



Fonte: Autor, Agosto de 2017.

Notamos nestas fotos, a organização dos indígenas, sua manifestaram e a apresentação de algumas manifestações culturais, com dança e musica, uma passeata pacifica. Como uma tentativa de mostra a população que é grande a presença dos indígenas no

município, e que apesar de tudo eles não estão ali para brigar e roubar o que os brancos possuem, querem apenas um espaço e direito a saúde, educação, etc.

O Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) que foi criado em 2014 através da Lei nº 12.986, vinculado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), que tem por finalidade a promoção e a defesa dos direitos humanos, mediante ações preventivas, protetivas, reparadoras e sancionadoras das condutas e situações de ameaça ou violação deste direito. Onde sugerem a criação de comissões que buscam investigar e apoiar as populações e comunidades vulneráveis da sociedade brasileira. E como resultado das pesquisas elaboradas com as comunidades Avá-Guarani, lançou um relatório em 2016.

A partir dos trabalhos realizados pela CNDH, onde em muitos momentos os indígenas explicaram os problemas que tiveram com a população dos municípios onde a presença indígena é significativa. Relataram diversos abusos, que podem ser verificados nesta citação:

[...] os indígenas relataram episódios de ataques, sequestro, abuso sexual, tentativas de atropelamento, linchamentos e ameaças de morte perpetrados por particulares e com a convivência e incentivo de autoridades públicas também com frequente alegação de que os indígenas seriam paraguaios e não brasileiros. (Relatório/CNDH, 2016, p.29).

Podemos apontar alguns dos responsáveis dessa falta de estrutura que causa os estereótipos, que são os representantes das assistências do governo, pois muitas das vezes não sabem compreender e aceitar como que o Guarani mantém relação com a terra e como se fundamenta o territorialismo Guarani. Como nos apresenta Brighenti:

Uma das contradições encontradas nas ações dos representantes governamentais de assistência aos povos indígenas e compreender e aceitar a concepção de terra dos Guarani, como admitir e administrar na burocracia estatal a lógica guarani onde cada família extensa almeja um espaço próprio, inclusive respaldada pela legislação indigenista; para o Guarani também se torna difícil admitir a possibilidade de que não pode mais livremente usufruir o espaço que Nhanderu criou para seus filhos e conceber a terra como propriedade particular. (...). Na etnografia é muito comum ouvir ou ver as seguintes expressões “são índios paraguaios”, “são estrangeiros” “vieram da Argentina” “vieram do Paraguai” (BRIGHENTI, 2009, pp.160-163).

Dessa forma os indígenas Guarani vivem em um processo de estrangeirismo na sua própria terra, pois a sociedade moderna sempre intervém como eles não fossem de fato do Brasil ou de qualquer lado do estado nação, sempre empurrando eles para outros Estados Nações como a Argentina ou Paraguai deslegitimando o processo das terras do Guarani como pertencentes a estes territórios. Portanto se inicia uma exclusão tanto como população, quanto de pertencimento a esta terra ou local aonde eles vivem e resistem.

Através do imaginário da população local muitas dessas populações indígenas não fazem parte do estado nação na qual eles pertencem por isso as consideram a população paraguaia que estaria imigrando para o Brasil. Mas não entendem a percepção de deslocamento da nação Guarani, que estão em constante deslocamento. Desde os processos colonizatório a população guarani que sempre existiu e esteve nesse espaço foi negada e excluída.

Por tanto vimos como surgem as agressões e as violações de direitos humanos por partes dos grandes fazendeiros/agricultores citados já no texto, as violências cometidas sobre os guaranis de certa forma a violação dos direitos humanos, que ao intensificadas cada vez mais e ainda justificadas de forma cruel, dando aos indígenas uma identidade que não lhes é cabível, além de usarem de pensamentos estereotipados.

Vendo toda de fora todos esses processos de colonização, exclusão e repressão contra os povos indígenas, ficaria fácil imaginar o que os próprios indígenas sofrem e passam diariamente, assim separamos um trecho relatado por um indígena onde ele demonstra a interpretação que tem sobre todo esse processo histórico.

Quando nos percebemos o que o homem branco estava fazendo com nos, estávamos já muito perdidos pensávamos que não iríamos ter mais teko, algumas de nossas famílias já não estavam mais nessa margem, parece que queriam nos dividir, tanto aqui como no Paraguai, tudo estava fora do lugar e algumas vezes pensávamos que o homem branco tomou tudo de nos mais o pior veio depois desses anos (CENTURIÃO,2018)

Com isso podemos ver até pela história da oralidade, dos guaranis que nem sempre o progresso é bom para todos os lados, sempre haverá uma etnia ou uma população inteira que ficara para trás desse progresso desarcebado capitalista, e sempre vão sofrer violências e ainda mais a perda de seus próprios direitos sobre a terra sobre o que era deles, por um simples pedaço de papel, que muitas das vezes era falso ou simplesmente não tinha

papel, são os famosos grileiros de terras, que sempre existira nesse processo de colonização do oeste do Paraná.

As violências sempre estarão as vistas, como a palavra do Casemiro acima, podemos ver que as tomadas de terras tanto pela Itaipu Binacional, como a indústria do agronegócio do oeste do Paraná teve profundas marcas, visíveis e invisíveis para a questão do territorialismo e também pelo território Guarani em questão, por muitas das vezes vemos varias das aldeias indígenas rodeadas pelos campos de soja ou mesmo de milho, ou outra monocultura do que o agronegócio que esta envolvida ou tenha parcialidades no envolvimento.

Como dito anteriormente, as violências são contadas pelos guaranis e muitas das vezes passam despercebidas pela grande população que ainda tem a memória que o guarani e realmente o invasor e não o colonizador que veio no meio do século XX para colonizar as terras indígenas.

### **3.Considerações finais**

Consideramos que a criação das comissões da CNDH e CGY teve uma grande importância para o desenvolvimento de relatórios que demonstram inúmeras atrocidades cometidas contra os povos indígenas Avá-Guarani, é fundamental que pesquisas destes níveis sejam desenvolvidas.

Consequentemente a colonização desde os tempos do meio século XX ate os dias atuais existe uma memória coletiva na qual os povos originários não são da região do oeste do Paraná, sempre estigmatizando que são dos outros lugares menos daqui, justificando que aqui havia um vazio demográfico na qual fora implantado a Marcha para o Oeste, a fim de povoar e colonizar.

Consequentemente nos dias atuais ainda existe esta memória coletiva onde se fala de lugares que existia um “vazio demográfico”, ou seja, não existiam populações nessas localidades, assim lotearam e venderam as terras através de empresas colonizadoras, e abrindo assim para a chegada de colonizadores. Nunca revelaram que nestas terras existiam indígenas e que os mesmos foram obrigados a saírem para que não fossem mortos. Com isso os direitos indígenas foram apagados e outras vezes foram usurpadas pela massa colonizatória, que ainda hoje permanecem no oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Podemos considerar que a população que colonizou a região oeste do Paraná não teve contato com os indígenas, porque antes deles chegarem as empresas de colonização e de extração de erva-mate já tinham expulsado grande parte dos indígenas desse local. Assim justificam que os indígenas são paraguaios, e que nunca existiram indígenas nessa região.

A organização dos indígenas, sempre integrados, dá força para a luta, para que se manifestem e conquistem o que necessitam. É muito importante que continuem organizados, somente dessa forma mostrarão a população destes municípios citados que os indígenas não querem roubar o que os brancos possuem, e sim querem apenas um espaço onde possam sobreviver.

### **Referencias Bibliográficas**

- BRAND, Antonio. Os Kaiowá e Guarani em tempos da Cia Matte Larangeira: negociações e conflitos. XIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, Londrina, 2005.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na Propria terra:** presença guarani e estados nacionais. Chapecó/florianopolis: Argos, 2009. 284 p.
- BRIGHENTI, C.A.; BORGES, P. P. Presença e mobilidade Guarani no oeste paranaense: uma análise histórica. **em Tempo de Historias**, Brasília, v. 27, p.48-71, dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/emtempo/issue/view/1256>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- BRIGHENTI, C. A.; SANTOS, R. D. Encobrimento indígena no processo de colonização do oeste do Paraná. **Sures**, Foz do Iguaçu, v. 9, n. 1, p.113-131, fev. 2017.
- CACERES, O. Os impactos causados pela construção de itaipu na saúde da comunidade avá guarani de oco'y. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFPR, 2017.
- CENTURIÃO, Casemiro. **Depoimento cedido a Rafael Fonseca**, Tekoha Ocoy, 21 de março de 2018.
- CNDH – Conselho Nacional Dos Direitos Humanos. **Relatório do Grupo de Trabalho sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Brasília, 2016.
- Comissão Guarani Yvyrupa**. Disponível em: < <http://www.yvyrupa.org.br/> > acessado em 20/05/2018.
- Comissão Guarani Yvyrupa. **Relatório sobre as violações de Direitos Humanos contra os Avá-Guarani no Oeste do Paraná**. Guaíra e Terra Roxa. Agosto de 2017.

Comissão Nacional da Verdade. **Relatório / Comissão Nacional da Verdade.** – Brasília: CNV, 2014.

**LUTA INDÍGENA**, Itaipu e FUNAI contra os índios, 16ª edição, Março de 1982.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. II. MAMED, Daniele de Ouro. III. CALEIRO, Manuel Munhoz. IV. BERGOLD, Raul Cezar. **Os Avá-guarani no Oeste do Paraná: (re)existência em Tekoha Guassu Guavira.** Letra da Lei, 2016.

HABITZHEUER, Rubens Roberto. **A conquista da Serra do Mar.** Curitiba: Pinha, 2000. 280 p.

MELIÀ, Bartomeu. **O mundo guarani.** 1 ed. Assunção: Servilibro/Adriana Almada, 2011. 368 p. v 5.

MELIÀ, Bartomeu et al. **Camino guaraní.** Assunção: Inprenta Salesiana, 2016. 242 p.

SANTOS, R. D. Racismo e preconceito contra os Avá-Guarani em Guáira e Terra Roxa no Paraná. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade** V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 587 | [relacult.claec.org](http://relacult.claec.org) | e-ISSN: 2525-7870.